

MULHERES, MÚSICA E SORORIDADE: A BIOGRAFIA DE UMA BANDA FEMININA DE ROCK

Maria Clara de Moraes Zeferino (PIBIC/CNPq/Uem), Profa. Dra. Sylvia Mara Pires de Freitas (Orientadora), e-mail: mcm.zeferino@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

7.07.00.00-1 Psicologia

7.07.05.00-3 Psicologia Social

Palavras-chave: existencialismo, grupos, feminismo.

Resumo:

O cenário musical, desde seus primórdios, é predominantemente masculino. Atualmente, portanto, ainda é possível identificar a desvalorização de mulheres neste cenário como público, principalmente como profissionais da música. Podemos considerar que este fenômeno deve-se ao avanço do neoliberalismo, que acentua gradativamente a opressão e exploração de minorias, principalmente de raça, gênero e classe. É imprescindível, diante disto, que as mulheres se unam para fortalecer a resistência à opressão de gênero. Contudo, para isso, devem primordialmente reconhecer-se na posição secundária e vulnerável que ocupam. À vista do exposto, este trabalho refere-se aos resultados da Pesquisa PIBIC/CNPq, que teve como principal objetivo o de compreender a biografia de um grupo de rock feminino composto por quatro mulheres, com vistas aos projetos singulares/coletivo das integrantes diante da sociedade. Para isso, foram realizadas entrevistas semidirigidas com elas, individuais e em grupo. As entrevistas foram realizadas e analisadas utilizando-se o método o progressivo-regressivo de Jean-Paul Sartre e tendo como contribuição principal o seu pensamento de sobre gênese e formação de grupos. Este método permitiu que acompanhássemos os movimentos das integrantes da banda na relação dialética que estabelecem, enquanto banda, com a sociedade, bem como utilizam a música para mediar essa relação. Os resultados da pesquisa apontaram para a importância da fusão de mulheres em grupos, ou seja, da sororidade, de modo a fortalecerem o confronto e o enfrentamento de opressões comuns a elas.

Introdução

Diante da agenda capitalista que se mantém, principalmente assegurando as desigualdades de gênero, raça e classe, este trabalho apresenta a compreensão de como mulheres, integrantes de uma banda de

rock, experienciaram e superaram condições opressoras que buscam defini-las e impedi-las de agir livremente. A heteronormatividade, portanto, foi naturalizada com o passar do tempo, e, como coloca Barata (2018), “constituiu-se historicamente não apenas como uma diferença natural e culturalmente apropriada, mas como uma desigualdade de poder, que concede um primado de domínio de um gênero sobre o outro” (p. 143).

Com efeito, é essencial que as mulheres consigam colaborar umas com as outras, movimentando-se juntas no cenário social, em prol do desmoronamento do sistema hegemônico. Para tanto, é necessário, conforme coloca Sartre (2002), que a experiência do “nós” ocorra pela identificação entre elas, diante das condições que as buscam objetificar. Somente a partir dessa experiência que poderão congregiar esforços comuns e formar, o que este autor denomina, um grupo-em-fusão.

Esta tessitura grupal permite que as mulheres busquem superar, dialeticamente, as condições alienantes de suas vidas, e prossigam a luta, reinventando-se enquanto grupo, para não permitirem que terceiros a unifiquem pela exterioridade. Prova disso foi a compreensão de como as participantes desta pesquisa, ao criarem um grupo musical feminino, utilizaram-se da música e da representatividade de uma banda para lutarem contra o patriarcado.

Materiais e métodos

O protocolo dessa pesquisa obteve parecer favorável do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – COPEP, da Universidade Estadual de Maringá, sob o número 4.010.155, de 06 de maio de 2020.

No que se refere à metodologia e procedimentos utilizados, foram realizadas entrevistas individuais com cada integrante de uma banda de rock de uma cidade do interior do Estado do Paraná; além de uma entrevista em grupo com todas elas. O método utilizado foi o progressivo-regressivo proposto por Jean-Paul Sartre, que possibilita a compreensão da biografia de uma pessoa ou de um grupo. Por este método, persegue-se os movimentos dialéticos dela(s) com o campo sociomaterial, e como suas ações superaram as condições anteriores em que se insere(m).

Para fazer uma análise compreensiva das biografias das participantes, nos baseamos no pensamento sociológico de Jean-Paul Sartre (2002). Assim foi possível a análise dos movimentos dialéticos de cada integrante da banda na sua condição de mulher trabalhadora da música, bem como “a compreensão da complexidade dos movimentos dos membros de um grupo na construção da biografia deste” (FREITAS, 2018, p. 170).

Resultados e Discussão

É notório o valor da música na construção de grupos de pessoas mediadas pela arte. Um exemplo disto é o movimento coletivo *Riot Grrrl*.

Este foi parte do movimento *punk rock* que trouxe não só manifestações artísticas que atingissem mais mulheres, como também as incentivou a ocupar cada vez mais os espaços tidos como masculinos.

As mulheres participantes da pesquisa, que formam a banda, lutam cotidianamente pela ocupação e reconhecimento no cenário do *rock'n'roll* como mulheres profissionais da música. Por isso, ao analisar suas biografias individuais e a biografia da banda, foi possível elucidar como a música e o movimento grupal estiveram sempre presentes no enfrentamento da condição inferiorizada de cada uma delas, produzida por ações que se sustentam na ideologia do patriarcado.

Durante as entrevistas, as participantes trouxeram suas experiências com o cenário musical da região paranaense. Destacamos a fala de uma delas sobre a união feminina, não só como banda, mas como mulheres que buscam o cenário musical: *“A união entre mulheres é essencial pra esse fortalecimento, pra gente perceber que não está sozinha; que qualquer mulher que eu conversar; que toca qualquer estilo musical, vai passar pelas mesmas coisas”*.

Mesmo assim, a união de mulheres é sempre dificultada pela ideologia machista que é, desde muito cedo, ensinada aos meninos e meninas. Sobre isto, temos o reconhecimento de outra participante sobre, como, até o momento em que conheceu a banda, reproduzia o machismo. Nas palavras dela, a *“[...] nossa cultura nos leva a acreditar que essa amizade entre mulheres não pode existir, sempre vai ser uma briga, sempre treta, sempre uma vai ter ciúme da outra, uma não pode estar no mesmo lugar que a outra”*. É evidente como o machismo instiga uma rivalidade feminina tal qual a manutenção dos poderes masculinos, pois *“[...] desde os primeiros tempos do patriarcado julgaram útil manter a mulher em estado de dependência [...]”*. (BEAUVOIR, 2016, p. 199, grifos nossos).

Com efeito, a música é presente não só como um prazer contemplativo na vida das participantes, mas também como trabalho e, sobretudo, como forma delas se expressarem. Nas palavras de uma participante, *“[...] a música é uma questão de paixão que desperta na gente, não é um emprego que a gente está simplesmente lá pra ganhar o nosso dinheiro, é muito mais motivação, muito mais sentimento envolvido”*. Esta fala nos revela o sentido afetivo que atribui ao trabalho como musicista, tendo em conta que a participante em questão trabalha também como contadora. Sendo assim, ao instigar sentimentos e emoções em si e no seu público, ela complementa que *“A arte é um instrumento muito forte, muito poderoso pras mulheres no empoderamento: é essa questão de dar voz a mulher”*.

Conclusões

Os resultados da pesquisa apontaram que todas as integrantes da banda, foco da pesquisa, tiveram contato com a música em suas infâncias, mediado por algum membro de suas famílias. No entanto, nem todas foram estimuladas a continuar neste ramo. Apesar disso, a música permaneceu

figurando em seus projetos de vida. Na trajetória individual, elas experienciaram o machismo ao integrarem bandas predominantemente masculinas, mas foi pela ação de cada uma, quando da formação do grupo feminino de rock, que puderam unir forças para lutar contra essa ideologia; experienciar o reconhecimento da importância da mulher musicista; bem como, pela sororidade, contribuir com o empoderamento de outras mulheres.

Federici (2018) expõe que a conquista de direitos e espaços pelas mulheres não pode ser determinada pela simples volição delas, esta conquista depende de ações. Por isso é importante que o movimento de mulheres tenha como base a formação de um grupo que se organize na sua interioridade, para enfrentarem juntas as condições cotidianas que as oprimem. Ao se movimentarem em grupo, empoderaram-se na luta pela horizontalização das relações de gênero.

Hooks (2019) alegou a importância da união de mulheres e a aprendizagem da capacidade desse grupo como precedente primordial de uma sororidade política. É nesta senda, por conseguinte, que enfatizamos a importância da fusão e da auto-organização de mulheres em grupos para fortalecer o confronto e o enfrentamento de uma opressão comum.

Agradecimentos

Agradeço à banda participante desta pesquisa, à minha orientadora Profa. Dra. Sylvia Mara Pires de Freitas pelo amparo e orientações, e ao Pedro Augusto da Costa Tanaka pelo apoio e incentivo.

Referências

BARATA, A. Política e Gêneros. Sobre o círculo “original”. In: BORGES-DUARTE, I (Org.). **Fios de Memória**. Braga: Húmus, 2018, p. 143-153.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 3a ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

FEDERICI, S. **O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2018.

FREITAS, S. M. P. **Sartre, Psicologia de Grupo e Mediação Grupal**. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 269 p.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 9 ed., Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

SARTRE, J. P. **Crítica da Razão Dialética**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.